

"Vi a morte de perto"

■ AEROPORTO CARLOS PRATES

O medo e o perigo sobrevoam diariamente a região do terminal onde monomotor caiu sobre duas casas no sábado, um drama sem fim que também provoca muita indignação

"Não conseguimos ter paz aqui", desafiava moradora

GUSTAVO WERNECK

O medo paira, a tensão domina e a preocupação se multiplica ao longo dos dias, sem sinal de esperança no ar. Moradores de bairros no entorno do Aeroporto Carlos Prates, na Região Noroeste Belo Horizonte, estão com os nervos à flor da pele, estresse que piorou, na tarde de sábado, com a queda de um avião monomotor sobre duas casas (de números 359 e 361) da Rua Morro das Graças, no Bairro Jardim Montanhês. O piloto, o oftalmologista José Luiz de Oliveira Filho, de 60 anos, morreu e a filha dele, Jéssica, de 36, está internada no Hospital de Pronto Socorro João XXIII em Belo Horizonte. "Não conseguimos ter paz aqui. Nos finais de semana, às 6h, já tem avião descendo e subindo", reclama Cristina Teixeira Alves Ribeiro, residente com a família bem em frente aos imóveis atingidos. Desta vez, o susto foi tal que ela caiu no chão: "Ouvimos um barulhão, vimos aquela fumaça preta, todo mundo saiu de casa".

Ontem, quando as famílias poderiam estar reunidas com tranquilidade ou descansando, o dia foi de mais preocupação. Com o trabalho de perícia a cargo do Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos (Cenipa), do Comando da Aeronáutica, Corpo de Bombeiros, Polícia Civil e Polícia Militar (PM), os moradores tiveram que ficar mais atentos, e dentro de casa, a partir do momento em que os militares avisaram que havia perigo de explosão do monomotor. Recolhendo, aos poucos, partes do avião que ficou sobre o telhado das duas casas, as equipes retiraram o avião. Com um trecho da rua interditada, a Guarda Municipal e a PM colocaram faixas zebradas e pediram às pessoas, incluindo a imprensa, que ficassem distantes do local. Pela manhã, era forte do cheiro de gasolina na frente das duas casas, separadas por um corredor.

Com o semblante cansado e ainda perplexa, a moradora do imóvel número 359, Márcia Antônia Bueno de Souza, de 58 anos, contou que mora com mais quatro pessoas da família. Sentada no meio-fio, desabafou: "Vi a morte de perto, pois o avião quase caiu em cima de mim. Vamos ver agora o que resolve, pois o aeroporto fica bem perto da minha casa". E Márcia Antônia deu mais detalhes da perigosa tarde de sábado: "O 'rabinho' [traseira] do avião caiu no telhado da minha cozinha, quase em cima da geladeira. É uma situação muito difícil para todos nós. Tomei prejuízo, pois a geladeira está cheia, tem os sor-



Equipe do Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos (Cenipa) fez perícia no local da tragédia que matou o piloto



“

Já caiu um [avião] sobre a casa do meu irmão, na Rua Lorena. Nossa luta para desativar o aeroporto é longa. Estão protelando e não resolvem. É um perigo, há casas a menos de 100 metros da pista

”

■ Marcelo José Silva, aposentado

vetes que faço para vender. Agora, nem posso entrar, pois a casa está interditada", lamentou. Devido ao acidente, Márcia Antônia foi se abrigar na casa de parentes, na Região de Venda Nova. "Ainda bem que choveu de madrugada e deu uma 'esfriada' no avião. Já pensou se explodiu?", comentou assustada. A vizinha, residente no número 361, estava viajando, mas teve a parte da frente do avião sobre o telhado.

■ INDIGNAÇÃO PERMANENTE

Olhos arregalados, conversa entre vizinhos, receio de que a situação se repita, já que há registros de muitos acidentes nos bairros vizinhos ao Aeroporto Carlos Prates, que completará 80 anos em janeiro de 2024. Como se tivesse um nó na garganta, e fosse urgente desatá-lo, a dona de casa Carmen dos Santos, moradora do número 333 elevou o tom: "Falam tanto em prevenção de acidentes, mas cadê a prevenção? É importante a economia do país crescer, mas com segurança, não com um avião em cima da casa das pessoas".

Muitas pessoas foram ao local, no domingo bem cedo, em solidariedades às pessoas atingidas. "Já caiu um sobre a casa do meu irmão, na Rua Lorena. Felizmente, ninguém foi atingido. Nossa luta para desativar o aeroporto é

longa. Estão protelando e não resolvem. É um perigo, há casas a menos de 100 metros da pista", disse o aposentado Marcelo José Silva, morador da Rua Belo Vale na esquina com Morro das Graças. Após a entrevista com Marcelo José, a equipe do EM foi à casa do irmão dele, Márcio José da Silva, casado, pai de três filhos. A família foi visitada há alguns anos, da queda de um avião sobre o telhado. "Ainda bem que ninguém se machucou, mas foi algo assustador. Se o piloto, que estava com uma aluna em aprendizagem, tivesse batido na laje da casa, revestida de pedra, teria, sem dúvida, sérios problemas".

A queda do avião é sempre lembrada por Márcio José da Silva, mais ainda com o acidente ocorrido por volta das 14h30 de sábado. Como testemunha da história, ele guardou o 'bico' da aeronave. "O avião foi retirado, mas eu disse: Isso vai ficar aqui. Guardo como um troféu da vida, pois ninguém da minha família se feriu", revelou.

Moradores dos bairros próximos ao aeroporto não veem a hora de o terminal ser desativado para outra destinação. Moradora da Rua Minerva, no Bairro Caiçara, Vanilda Dias, enfermeira, ressaltou que as pessoas vivem com medo. Ontem, quando passeava com a cadela Laisa, lembrou de dois acidentes nos últimos anos, um deles com a morte de um piloto.



“

Nos finais de semana, às 6h, já tem avião descendo e subindo. Ouvimos um barulhão [no sábado], vimos aquela fumaça preta, todo mundo saiu de casa

”

■ Cristina Teixeira Alves Ribeiro, que mora em frente às casas atingidas

Também residente na Rua Minerva, o aposentado Raphael Silva mostra o exato lugar em que um avião caiu - hoje, há um quebranholas na pista. O que tem de acidente de trânsito nessa área não é brincadeira, toda hora tem um. Acredito que o aeroporto, se desativado, possa se transformar em parque ou área de lazer.

A revolta tomou conta de uma moradora, que preferiu não se identificar. Para ela, toda essa situação, que considera "briga política", já poderia ter terminado no fim do ano. "Estava resolvido no governo do presidente Jair Bolsonaro. Mas, aí, o presidente Lula ganhou e estão só postergando. É preciso resolver logo, vivemos sob perigo constante", disse a moradora.

■ TRISTE ROTINA

A morte de sábado foi a quinta nos últimos quatro anos relacionada a voos no terminal Carlos Prates. Após dois acidentes com vítimas em 2019, o fechamento do aeroporto entrou no radar das autoridades. Em 2020, o então ministro de Infraestrutura, Tarcísio de Freitas, chegou a anunciar que o aeroporto seria fechado no ano seguinte, mas uma série de adiamentos postergou a medida e o terminal segue em funcionamento. Conforme o Estado de Minas informou ontem, a expectativa era de que as atividades do aeroporto fossem encerradas em dezembro do ano passado, mas uma portaria estendeu o prazo até maio de 2023. O prefeito de Belo Horizonte, Ruy Noman, lamentou o novo acidente e informou pelas redes sociais que irá reforçar o pedido de concessão do aeroporto Carlos Prates ao município. Com reunião marcada em Brasília amanhã, Ruyad prometeu levar o assunto novamente ao conhecimento do governo Lula.

"Não podemos mais permitir que acidentes assim aconteçam", escreveu. Ele também voltou a manifestar o interesse da prefeitura de Belo Horizonte em usar o terreno para geração de emprego e moradia, após o aeroporto ser desativado. "Sigo com a minha proposta de utilizar a área do aeroporto para construção de moradias, parques, escolas, centros de saúde e toda infraestrutura urbana necessária para a população", frisou. A proposta é destinar parte da área, próxima ao Anel Rodoviário, para indústria e logística. A outra receberia um parque e 2.000 moradias populares, com aparelhos básicos como postos de saúde, creches e centro comercial.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Gerais Pagina: 5